

Amor e morte: transformando sexualidades na Rússia (1914- 1922)¹

Dan Healey

Professor de História da Rússia Moderna
Universidade de Oxford (Reino Unido)

¹ Tradução de Fernando Pureza. Publicado originalmente na coletânea *Russian Culture in War and Revolution: 1914-1922*. Bloomington: Slavica Publishers, 2014.

Amor e morte: transformando sexualidades na Rússia (1914-1922)

Resumo: O presente artigo explora uma face pouco conhecida da Revolução Russa: o seu impacto sobre a sexualidade. Para tal, discute criticamente a chamada “revolução sexual” que acompanhou as transformações políticas e econômicas de 1917, particularmente as mudanças na ordem do amor e do sexo na sociedade russa com o colapso das instituições patriarcais a partir da Primeira Guerra Mundial. Desta maneira, reconstrói as transformações no campo da sexualidade no curso da revolução e guerra civil na Rússia e o surgimento de uma nova gama de tensões conforme os bolcheviques instituíam um novo Estado na sociedade russa.

Palavras-chave: 1. Sexualidade; 2. Primeira Guerra Mundial; 3. Revolução Russa

Love and Death: Transforming Sexualities in Russia (1914-1922)

Abstract: The article explores a little known face of the Russian Revolution: its impact on sexuality. To do so, it critically discusses the so-called "sexual revolution" that accompanied the political and economic transformations of 1917, particularly the changes in the order of love and sex in Russian society with the collapse of patriarchal institutions after World War I. In this way, it reconstructs the transformations in the field of sexuality in the course of the revolution and civil war in Russia and the emergence of a new range of tensions as the Bolsheviks founded a new state in the Russian society.

Keywords: 1. Sexuality; 2. First World War; 3. Russian Revolution

Durante muito tempo, historiadores viram a Primeira Guerra Mundial como um evento que transformou as sexualidades – independente se entendemos “sexualidades” como experiências e identidades sexuais, ou como construção discursiva resultantes das tentativas das autoridades em regular o sexo. A guerra trouxe uma mobilização de massas, novas ocupações e oportunidades econômicas, aumentando assim a atividade feminina na arena pública e gerando maiores desafios à moralidade privada e suas práticas. Ela também trouxe, é claro, violência, morte e doenças para milhões de europeus, gerando um colapso demográfico de consequências alarmantes para o vigor nacional durante e até mesmo após o conflito. Se à primeira vista a sexualidade parece ser um problema de importância secundária quando consideramos a Grande Guerra, os problemas de saúde e regeneração (o “biopoder”), assim como da moral nacionalista, dependiam em grande parte de uma ordem sexual “racional” e estavam longe de serem triviais. A sexualidade e seus desafios atingiam diretamente o furor nacionalista.²

A experiência russa entre 1914 e 1922 distingue-se das nações da Europa ocidental, que tipicamente são estudadas pelos historiadores que escrevem sobre o impacto da Primeira Guerra sobre a sexualidade. A revolução, a guerra civil e a fome no Império Russo radicalizaram e estenderam temporalmente a experiência desses conflitos violentos, que perduraram mais tempo do que em qualquer outra parte da Europa. As duas guerras da Rússia – a guerra “imperial”, de 1914 a 1917, e a Guerra Civil, entre 1918 e 1921 – assim como as rupturas revolucionárias de fevereiro e de outubro de 1917 – constituíram uma “crise prolongada” singular e devastadora, com impacto incomensurável sobre a

² A literatura da história da sexualidade na Europa do século XX é bastante extensa, sendo que a tentativa mais antiga de analisar o impacto da guerra foi na obra de Magnus Hirschfeld (1930). Para ver discussões mais recentes, ver Herzog (2011).

regulação da sexualidade (HOLQUIST, 2002; FRAME; KOLONISTKII; MARKS; STOCKDALE, 2014).

Discute-se com bastante ênfase uma “revolução sexual” que teria acompanhado a tomada de poder dos bolcheviques em 1917 e, tradicionalmente, os historiadores enfatizaram a revolução socialista por meio da ideologia da revolução sexual, uma espécie de grande ponto de ruptura para com o passado. Contudo, em muitos sentidos é possível afirmar que o *continuum* entre guerra imperial e, depois, a guerra civil, definiram uma “experiência formativa” e, assim, os contornos da “revolução sexual” socialista, com consequências não intencionadas pelo pensamento revolucionário e marxista da época.³ Ao escrever uma história da sexualidade russa entre 1914 e 1922, é possível afirmar que a transformação sexual começou bem antes da tomada do Palácio de Inverno pelos bolcheviques; além disso, que, após esta ruptura e seus desdobramentos, os elementos de continuidades são tão importantes quanto as mudanças promovidas pela Revolução de Outubro. O que aconteceu na esfera sexual – no contexto ainda do Império Russo e, depois, na Rússia Soviética – precisa ser compreendido como reflexo da crise de uma sociedade profundamente dividida no período anterior à Primeira Guerra. Além disso, pensado a partir de influências transnacionais nas mudanças russas e nos eventos mais significativos. A cultura russa no período anterior à guerra, é preciso dizer, foi progressiva e profundamente influenciada pelas mudanças que ocorriam nas formas de pensar e agir sobre a sexualidade que vinham da Europa.

Na primeira parte, o artigo examina as “culturas de sexualidade” antes de 1914, com foco na evolução das ideias populares sobre sexo e relações de gênero e procurando traçar as transformações que as pessoas experimentaram em suas vidas íntimas. Memórias, diários, imprensa popular, material médico e “etnográfico”, assim como a literatura popular, provém importantes fontes para uma investigação acerca das culturas sexuais durante a guerra e a revolução, sendo que eu também utilizo de excelentes pesquisas acadêmicas mais recentes nesse sentido. O material para o estudo da sexualidade nesse contexto é perigosamente difuso e algumas generalizações são feitas com base em fontes

³ Aqui estou apenas ampliando o argumento feito por Fitzpatrick (1985).

escassas e modestas, assim como por algumas leituras indiretas. Poucas fontes lidam diretamente com a questão do sexo e as limitações às discussões explícitas sobre sexo, mesmo em documentos privados, exigem uma “leitura à contrapelo” para conseguir encontrar alusões à sexualidade.⁴ Nesta seção, ainda, explora a transposição entre os gêneros, assim como a confusão inerente ao período de “crise prolongada”, procurando sugerir que a ruptura dos padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade – associados à guerra ou desencadeados pela revolução – tiveram um impacto nas sexualidades, tanto nas identidades culturais quanto individuais.

Em seguida, o artigo discute as tentativas das autoridades em regular a sexualidade durante os anos de guerra e revolução – tanto a partir de legislação, quanto de propaganda e debates internos sobre assuntos de natureza sexual. Aparentemente, o aumento do peso da medicina moderna, com toda sua influência transnacional, serviu como um guia biopolítico para aqueles que governavam a Rússia. A medicalização da sexualidade por parte dos bolcheviques, radicalmente materialista, procurou retirar do sexo qualquer valor sagrado ou transcendental. Contudo, a aposta soviética em revolucionar o sexo se confrontou com importantes limites da cultura popular que não compreendia essa lógica, bem como com uma forte oposição religiosa. Discute, por fim, os fatores ideológicos subjacentes aos discursos sobre demografia, higiene e força militar usados para construir a propaganda da “revolução sexual”.

Culturas de sexualidade

Os trabalhos de Laura Engelstein e de outros(as) evidenciam que, antes de 1914, a vida intelectual da Rússia imperial era marcada por discussões sofisticadas sobre sexualidade, que se tornaram paulatinamente populares a ponto de reconfigurar o sexo na imaginação pública em níveis nunca antes vistos (ENGELSTEIN, 1992; MATICH, 2005; HEALEY, 2001b; LEVITT; TOPORKOV, 1999). Romances e filmes que imaginavam a liberdade sexual das mulheres, a

⁴ Para esta “leitura a contrapelo” da história da sexualidade, ver Stoler (1995).

redenção espiritual e mesmo política através de sexualidades violentas e predatórias, utopias de abstinência sexual ou de fluidez de gênero, sonhos de camaradagem homogênea e de amor homossexual, eram parte da mentalidade popular em agosto de 1914 (ENGELSTEIN, 1992; NAIMAN, 1997, p. 48-52; MALMSTAD, 2000; MALMSTAD; BOGOMOLOB, 1999).⁵ Tais visões eram distintivamente russas em suas origens, expressões e argumentos políticos; ao mesmo tempo, adaptavam e reagiam à correntes internacionais na literatura e no cinema, assim como ao movimento pela emancipação das mulheres, às campanhas internacionais para regulamentar a prostituição, aos apelos para a emancipação homossexual, à ascensão dos desafios freudianos à psiquiatria médica e muito mais.⁶ Em muitos aspectos, a chegada da guerra, em 1914, era vista como potencial para fazer com que os projetos eróticos se concretizassem no reino do experimento e da experiência.

1914-1916: preliminares sinistras

Apesar de muitos sonhos eróticos e violentos se tornarem “reais” em agosto de 1914, a elite russa, não exposta à guerra e ao *front*, manteve suas convenções de gênero e de sexo sem interrupções. Os diários e os livros de memória exalam confiança patriótica e um senso de dever que, via de regra, significava uma sublimação da sexualidade. O filósofo reacionário da sexualidade, Vasili Rozanov, cujas reflexões no pré-guerra projetaram um entendimento antirracionalista distintivamente russo sobre o eros da vida moderna, analisou as preparações para a guerra a partir de uma efusiva admiração da figura do guerreiro masculino. Relembrando uma conversa do final de julho de 1914 com um jovem oficial de artilharia, Rozanov relatou seu encantamento com a persuasão e tranquilidade de seu interlocutor. A falta de equipamento bélico russo seria compensada pelo entusiasmo de seu exército e esse oficial estava

⁵ Sobre cinema, ver Morley (2003).

⁶ Os trabalhos de Engelstein, Naiman, Matich e Malmstad, citados no texto, discutem as influências transnacionais na literatura e na cultura. Para um quadro acerca das influências transnacionais nas discussões russas sobre prostituição, sexualidade e psicanálise, ver Bernstein (1995), Edmondson (1984), Healey (2001a) e Etkind (1993).

preparado para o supremo sacrifício. “Sem queixas, sem criticismo, sem histeria. ‘Sim, você é feito de ferro’, pensei eu sobre esse jovem” (ROZANOV, 1915, p. 22). Rozanov também notou, com satisfação, que os homens russos não eram “mujiques ‘desprovidos de caráter’ e ‘afeminados’ que vossa alteza, o *junker* da Prússia, havia apressadamente imaginado” (IBID., p. 31).

Numa extraordinária anotação de seu diário em julho de 1916, Rozanov elogiou a virilidade russa enquanto meditou acerca do pênis meio-ereto e generosamente proporcional de um atendente de banhos chamado Ivan, um jovem de apenas 17 anos, “mas muito másculo”, em ótima forma física e prestes a ser mandado para a guerra em algumas semanas. Para o filósofo, tal órgão seria capaz de manter “sete donzelas” satisfeitas e lhe entristecia que o atendente, cujo irmão já estava no *front*, poderia ser morto em batalha (ID., 2000, p. 177-179).⁷

A escritora aristocrata Catherine Sayn-Wittgenstein, com apenas 19 anos quando do início da guerra, voluntariou-se como enfermeira junto de sua irmã em uma das enfermarias centrais da capital para os soldados feridos. Ela expressou seu fascínio diante de sua “colossal popularidade” pelo fato das duas serem as mais jovens no local e pelas demonstrações de “amor” que os soldados as dirigiam (SAYN-WITTGENSTEIN, 2007, p. 58).⁸ O entendimento convencional de sua sexualidade que Sayn-Wittgentsein manifestava, dirigido exclusivamente para a maternidade após o casamento, demonstra que seu senso de propriedade e dever estava alinhado com as expectativas de gênero de sua classe social; ela não fazia reflexões explícitas sobre o amor físico, apenas alusões e somente considerações sobre se estava pronta para tornar-se esposa e mãe (IBID., p. 95 e 101).

A experiência casta da escritora quando enfermeira entrava em atrito com a crescente tensão existente para com o comportamento das “irmãs da misericórdia” (no caso, as enfermeiras militares). Um general escreveu, em 1915, para protestar contra a aparição dessas enfermeiras de uniforme em ambientes públicos, desfrutando de refeições em grandes restaurantes e por vezes até mesmo conduzindo soldados em seus aposentos privados. Esperava-

⁷ Agradeço a Evgeny Bershtein por chamar atenção para este documento.

⁸ Anotações dos dias 17 e 28 de novembro de 1914.

se, ao recrutar mulheres da elite para a enfermagem do Exército, que o respeito à propriedade seria mantido (SANBORN, 2003, p. 147-148).⁹ As impressões acerca das “irmãs” foram piorando com o passar da guerra; em 1916, o censor do exército percebeu que as cartas dos soldados expressavam hostilidade desmoralizante para com as enfermeiras, cuja principal preocupação era ficar “dando em cima” de oficiais, ao invés de cumprir os seus deveres (ASTASHOV, 2005, p. 374-375). Ainda piores eram as acusações que circulavam acusando as “irmãs da depravação” de espalhar doenças sexualmente transmissíveis (SHCHERBINI, 2004, p. 404-405; ASTASHOV, 2005, p. 373-375). Apesar da deterioração da reputação das enfermeiras conforme o andamento da guerra, para a prudente Sayn-Wittgeinstein a enfermagem no início da guerra imperial russa era uma forma respeitável e evidentemente excitante de interagir com os homens.

Outro jovem privilegiado de Petrogrado que estava chegando à vida adulta durante o início da guerra era Vladimir Nabokov, que posteriormente um renomado romancista emigrado russo. Ele também parece ter tido um despertar sexual bastante convencional para um jovem de sua classe nos anos entre 1914 e 1916, ainda que suas memórias sejam bastante estetizadas. Esse jovem de 16 anos escrevia poesias para seu primeiro amor, “Tamara”, uma menina que ele cortejava e, ao que se sabe, conquistara, passando o verão de 1915 na *dacha* de Nabokov e, posteriormente, o inverno nas ruas, museus e cinemas de Petrogrado. Os dois enamorados “assombravam museus”, trocando gentilezas nas galerias vazias no Hermitage e até mesmo nos armários da manutenção. Quando o “atendente de olhos turvos e sapatos gastos suspeitava”, os dois abandonavam as grandes obras da cidade, procurando por museus mais modestos para continuarem suas explorações (NABOKOV, 1965, p. 235). A guerra parecia intrometer-se muito pouco no *debut* sexual de Nabokov exceto, talvez, por ter enfraquecido a supervisão dos adultos sobre os adolescentes e, claro, por ter dado maior liberdade para com o sexo oposto.

Contudo, isso não durou muito tempo e a guerra logo passou a intrometer-se, como parece sugerir o declínio da reputação das enfermeiras. O medo de uma sexualidade feminina ainda mais ousada e de uma maior promiscuidade

⁹ Sobre o treinamento e recrutamento dessas enfermeiras, ver Shcherbini (2004, p. 388-399).

masculina tornaram-se mais concretos. No verão de 1916, em seu diário aforístico, Rozanov comentou insistentemente sobre o fragoroso comportamento das “prostitutas” da avenida Nevskii em Petrogrado. “Não há dúvidas de que uma pequena percentagem recorre à prostituição e que estão intoxicados por elas (...) passando pela Nevskii, uma verdadeira turba, oferecendo-se, posando com confiança (...) dizendo: ‘Leva a gente! Leva a gente!’ – e tudo por 5, no máximo 10 rublos (pois com a guerra os preços estão subindo)” (ROZANOV, 2000, p. 181).¹⁰ O filósofo via algo monstruoso e, ao mesmo tempo, admirável na sexualidade aguda dessas mulheres, ao menos em termos de conceitualização característica, quando contrastada com o “espírito agreste” da “fortaleza” que era o casamento cristão (IBID., p. 184). A crescente comercialização de todas as relações heterossexuais – e principalmente a habilidade das mulheres em extrair valor em troca de favores sexuais – era um tema recorrente na revista satírica burguesa *Novyi Satirikon*. Uma charge do início de 1916 do artista Boris D. Grigor’ev (1916, p. 4), conhecido por suas caricaturas eróticas, intitulado “Os lucros dela” mostrava um diálogo entre uma abonada cortesã e um cavalheiro da alta sociedade:¹¹

- “Você ficou sabendo, Margot, que irão introduzir um imposto de renda?”
- “É mesmo? E vou ter que pagá-lo?”
- “Bem, sim, mas qual o problema?”
- “Minha nossa, é que eu morreria de vergonha!”

Outras charges desse ano mostram a fragorosa prostituição das mulheres no mercado negro em troca de escassos suprimentos e zombando das mulheres burguesas ao retratá-las como dissimuladas e manipuladoras de seus tolos maridos.¹² Estes eram um tema recorrente da “guerra dos sexos” e, durante a guerra, a emasculação dos homens que não estavam no front e o aumento de

¹⁰ Anotação do dia 22 julho de 1916.

¹¹ Grigor’ev produziu um ciclo artístico de desenhos eróticos intitulado “Intimité” nesse período, publicados em Petrogrado em 1918.

¹² Cf. exemplos desses desenhos em Re-Mi (1916a, 1916b e 1916c).

mulheres cientes de sua sexualidade eram *tropos* típicos da vida privada do mundo pan-europeu (PETRONE, 2011, p. 106-108). Em outra charge de 1916, intitulada “O substituto”, uma mulher languidamente sentada em um sofá pede ao amante que conte uma “história picante”. O preço do *rouge* era tão alto que ela não podia compra-lo e somente os contos eróticos seriam capazes de ruborizar suas bochechas (RADAKOV, 1916, p. 8).¹³

O gênero e a posição social determinavam o quanto alguém poderia experimentar as sutis mudanças na noção de propriedade da elite. No início de 1916, Sayn-Wittgenstein observou com nojo como eram desavergonhadas as fãs do cantor de ópera Sobinov, se atirando sobre dele quando de suas performances em Petrogrado. Mais tarde, no verão, ela expressou alegria a respeito do “flerte que prosperava”, durante o período em um *spa* diversificado socialmente durante uma visita a Staraia Russa com sua família. E foi com deleite que registrou, em agosto de 1916, quando viajava de primeira classe no trem de Kiev para a mansão de sua família, em Mogilev in Podol’ia, perto do *front* austríaco, que o vagão estava cheio de oficiais voltando de seus deveres na guerra e de como eles agiam com “retidão” em sua presença e de suas irmãs (SAYN-WITTGENSTEIN, 2007, p. 96-97, 99-100, 105).

E esse senso virginal de segurança seria logo destruído pelo enfraquecimento do pudor público em 1917. Durante a guerra, as operações “comerciais” do sexo na sociedade russa, ocorridas nos teatros, resorts e viagens de trem, continuavam ocorrendo em termos normais, indicando – ao menos aparentemente – uma sexualidade iminente, ainda que reprimida.¹⁴ A imprensa e os memorialistas da época lamentavam amargamente a busca por prazer e a ostentação na retaguarda da guerra. Entre o final de 1916 e no início de 1917, a incongruência da indulgência elitista durante o período do colapso nacional era tão evidente, que o espião britânico, R. H. Bruce Lockhart, lamentou a falta de

¹³ Para uma charge semelhante sobre a moralidade feminina, ver *Miss* (1926, p. 5). Rozanov (2000 [1916], p. 79-80) escreveu comentários ambivalentes em cartas que ele recebia de mulheres burguesas sexualmente ativas que lhe pediam conselhos.

¹⁴ Após alguma hesitação diante da declaração de guerra, os teatros em São Petersburgo continuaram a produção de seu repertório pré-guerra e desfrutaram de grandes públicos. Ver Frame (2012).

sofisticação do amor pela *champagne* e festas temáticas ciganas pelas elites de Petrogrado e Moscou (LOCKHART, 1932, p. 160-161, 165).¹⁵

A experiência sexual entre camponeses e operários no início da guerra também original, uma mistura entre familiar e novo, ainda que o acesso documental às suas opiniões e experiências seja desafiador. A pesquisa detalhada de Aleksandr Astashov (2005) em arquivos militares, principalmente do censor postal da época, oferece um retrato convincente das preocupações sexuais dos soldados russos durante a guerra imperial. Outro importante fundo documental – ainda que problemático para os historiadores – é a coleção de aforismos que enfermeira Sofia Fedorchenko (1990) reuniu a partir dos soldados e pacientes antes e depois de 1917.¹⁶ A forte estilização dada por Fedorchenko ao texto e a censura soviética sobre os mesmos inspiram cuidados na análise deste material, que deve ser pensado mais como memória e ficção documental do que como transcrições etnográficas. Ainda assim, mesmo um historiador cauteloso como Astashov lança mão do texto de Fedorchenko para ilustrar pontos confirmados em outras fontes.¹⁷

A mobilização militar teve por efeito uma série de experiências novas para os soldados. A maioria deles eram camponeses vindos de vilarejos, sendo 70% jovens recém-casados em 1914; com o desenrolar da guerra, em 1917, somente 30% se mantinham neste estado civil; os recrutas solteiros possivelmente não possuíam nenhuma experiência sexual antes da ida ao *front*. Astashov argumenta, mencionando estudos de folcloristas e observadores da época, que os soldados reproduziam um alto grau de misoginia, consequência do fardo cultural patriarcal dos vilarejos. Os jovens representavam o controle patriarcal na permissão para casar e na própria escolha da esposa e projetavam o ressentimento em relação a ele nas mulheres de forma generalizada (ASTASHOV,

¹⁵ Sobre a imprensa, ver Stites (1999, p. 24), sobre os memorialistas, ver Petrone (2011, p. 106-108).

¹⁶ Infelizmente, existem marcas de censura em alguns dos materiais mais sexualmente explícitos que ela coletou. Sobre seu livro e seu fim no stalinismo, ver Petrone (2011, p. 235-238, 257-258). Agradeço à Karen Petrone e a um leitor anônimo pelos conselhos sobre como lidar com o material de Fedorchenko.

¹⁷ Para uma crítica ao uso irrefletido de Fedorchenko, ver Seniavskaia (2001, p. 192-194).

p. 368).¹⁸ A mobilização militar era uma oportunidade para escapar da tirania dos patriarcas, ao mesmo tempo em que a perda do ambiente familiar compelia esses homens a defender a “posição familiar” e atribuir a ela significância em relação ao seu futuro (IBID., p. 369). O material de Fedorchenko encapsulou os dilemas destes jovens em sofríveis aforismas e fragmentos de conversa que ela supostamente lembrava. Os jovens falavam sobre mulheres e sexo de uma maneira intensificada pela vida nos quartéis. Um soldado comentou como as conversas com seus camaradas antes de dormir eram novas para ele: “Nada nos interrompe; você começa falando de Deus e termina falando sobre as mulheres (...) E não há ninguém para conversar quando estamos em casa. Você trabalha feito um cão, deita e dorme. Você nunca teria essas conversas com sua esposa.” (FEDORCHENKO, 1990, p. 55).

Ainda que a camaradagem entre as classes sociais fosse rara, homens de mesma posição social geralmente gozavam do companheirismo homosocial que cativava suas emoções e implicava na comparação inevitável entre o isolamento da vida aldeã e os laços íntimos da camaradagem no *front* (PETRONE, 2011, p. 87-89, 109-11). “Na guerra eu comecei a viver como se [*o front*] fosse o meu lar e os soldados tornaram-se meus camaradas – junto com a morte, é claro. Em minha casa, eu me sentia sozinho mesmo tendo toda a família ao redor de mim” (FEDORCHENKO, 1990, p. 55). O amor pelos camaradas mudava as mentalidades e os destinos, como indica outro soldado ao falar de seu amigo, morto em combate: “Eu o amava como se ele fizesse parte do meu coração, talvez até mais [...] Por cerca de dois anos, foi doloroso para mim ter que sorrir e eu praticamente esqueci como se ri” (IBID., 54). Essas emoções talvez se alinhem com as observações de Astashov, baseadas na análise de versos de músicas populares. Nelas, ele afirmou que na guerra não havia o culto à esposa como uma amiga esperando o retorno do soldado, mas sim uma inquietante ansiedade que assolava os soldados camponeses que imaginavam suas esposas lhes traindo enquanto estavam no *front* (ASTASHOV, 2005, p. 374-377).

A pesquisa de Astashov mostra o quanto a atividade sexual de caráter casual era desordeira e perigosa quando representada nas regiões russas próximas da

¹⁸ Sobre masculinidade camponesa, tirania do patriarcado e misoginia, ver também Worobec (2002).

linha de combate, pelo menos de acordo com o ponto de vista da guerra. As autoridades militares e os governantes locais das províncias próximas ao *front*, como Chernigov e Podólsk, reclamavam das relações promíscuas entre soldados e mulheres e garotas locais, fossem enfermeiras, moradoras ou refugiadas (IBID., p. 369-370). Muitas mulheres e garotas, empobrecidas e desesperadas, voltavam-se para os encontros casuais – e ao menos as autoridades consideravam-nas como um risco potencial, capaz de aumentar ainda mais as fileiras das trabalhadoras sexuais. Tais mulheres supostamente ofereciam seus serviços sexuais para soldados e oficiais em distritos militarizados próximos ao *front*, um indício de um suposto “colapso moral” que acompanhava a guerra (IBID., p. 370).

Os censores interceptavam cartas de “amor” de soldados e oficiais para mulheres “de vida fácil” nas proximidades da linha de combate e percebiam que o tema da disponibilidade sexual das enfermeiras era recorrente na correspondência dos militares (IBID., p. 373-375). As autoridades estavam convencidas de que as doenças transmitidas sexualmente aumentavam rapidamente nesses distritos, e isso indicava a atividade sexual desordeira que ocorria. Os médicos especialistas do Exército reportaram taxas alarmantes de infecção para sífilis e gonorreia em 1915-1916 e, no verão de 1916, um grupo de 71 deputados da Duma convocou um debate para discutir a epidemia de doenças sexualmente transmissíveis (IBID., p. 373-374). Esses discursos tinham profunda coloração patriótica. As prostitutas austro-húngaras eram acusadas de infectar deliberadamente os soldados russos (IBID., p. 373). Enquanto isso, médicos russos afirmavam que uma grande proporção dos camponeses do exército tinha contraído sífilis de formas não-sexuais e em suas próprias aldeias – esses “inocentes” camponeses haviam trazido a doença para a guerra quando foram convocados.¹⁹ Ainda assim, outros médicos lembravam que havia homens tão covardes que procuravam por prostitutas infectadas somente para contrair a doença e serem removidos da linha de frente (ASTASHOV, 2005, p. 373; PETRONE, 2011, p. 108). Mesmo a partir de evidências tão indiretas, parece inescapável inferir que a mobilização e a guerra transformaram profundamente

¹⁹ Sobre a sífilis transmitida de forma assexual, tanto como diagnóstico quanto categoria cultural na medicina russa, ver Engelstein, (1992, p. 165-211).

o comportamento sexual, liberando-o das amarras da tradicional vida aldeã na maior parte dos territórios militarizados russos.

Os militares compartilhavam violências sexuais e, mesmo na versão censurada da obra de Fedorchenko, é possível identificar histórias sobre esses encontros – verdadeiros registros incomuns de estupros e abusos em tempos de guerra.

“Um *fel'dsher*²⁰ a examinou. Como você conseguiu essa ‘dose’? Meu marido veio para a casa e me deu esse ‘presente’. Você está mentindo, um marido nunca faria isso com sua leal esposa. Ela começou a chorar. Você está certo, um oficial me chamou numa dessas noites para ir buscar sua roupa suja. Eu fui e três deles abusaram de mim a noite toda e depois eles me deixaram ir embora e me deram três rublos. Desde então eu estou doente (...). Isso foi em ****, lá os oficiais vivem muito bem” (FEDORCHENKO, 1990, p. 32).²¹

Os cossacos perpetravam os piores casos de violência sexual infligidos à população civil (sendo, posteriormente, acusados de estar sempre no centro destes casos). Os diários escritos no imediato pós-guerra registravam terríveis estupros de jovens polonesas, judias e russas por grupos de cossacos. Karen Petrone observa que ainda que esses textos tenham construído uma demonização soviética da figura do cossaco, eram amparados em eventos reais (PETRONE, 2011, p. 149-154; FEDORCHENKO, 1990, p. 41; ASTASHOV, 2005, p. 371). Mulheres e garotas civis viviam num estado de pânico de estupro quando as forças armadas chegavam em suas aldeias e cidades, antes mesmo da Guerra Civil testemunhar violências terríveis perpetradas por soldados (FEDORCHENKO, 1990, p. 43). A ideologia da violência sexual estava incrustada nos discursos, ordens e canções militares czaristas e, mais tarde, se manteria na cultura soviética: a obscenidade misógina pululava nas ordens dos oficiais e as canções entoadas pelas companhias eram tão pornográficas que os oficiais tinham de pedir aos seus homens que se calassem ou modificassem as letras quando marchavam por áreas muito populosas (SANBORN, 2003, p. 160). Não é nada

²⁰ *Fel'dsher* é um termo comum na Europa central e no Leste para designar os médicos e cirurgiões comunitários. Na Rússia pré-soviética, esses médicos atuavam especificamente nas aldeias e vilarejos rurais. (N. do T.)

²¹ Sobre essa passagem, ver Petrone (2011, p. 149).

surpreendente afirmar que a guerra amplificou aquilo que a violência existente antes dela nas relações entre os sexos.

Os costumes sexuais se afrouxaram como um efeito da guerra e um grande ponto de condensação deste tema foi o colapso da autoridade da dinastia Romanov. As muitas representações dos Romanov como joguetes licenciosos, manipulados pelo “monge louco” Grigorii Rasputin, criou uma “pornografia política” semelhante àquela registrada pelos historiadores da Revolução Francesa (FIGES; KOLONITSKII, 1999, p. 10; KOLONITSKII, 2005; 2010). Peter Gatrell (2005, p. 102) observa que a dependência da dinastia para com seu infame conselheiro espiritual era particularmente chocante por conta de seu excesso sexual: ela contradizia todos os princípios do código público de disciplina da leal classe média (ainda que os chargistas do *Novyi Satirikon* proclamassem que essa moral era menos honrosa do que parecia). A famosa caricatura de Re-Mi sobre a “dinastia russa” na capa do *Novyi Satirikon*, em abril de 1917, com Rasputin entronado e com um covarde Nicolau e uma traiçoeira Aleksandra a seu lado, era uma imagem até relativamente assexuada da abdicação do czar. Nessa época, imagens muito mais escabrosas circulavam na baixa imprensa (*lubki*) (RE-MI, 1917, p. 1; KOLONITSKII, 2005).²²

A monarquia era vilipendiada em todas as classes sociais. Boris Kolonitskii descreve em detalhes o quão ousados eram os panfletos e “cartões postais sujos” no que dizia respeito à depravação da dinastia Romanov, bem como sua livre e massiva circulação, em dezenas de milhares de cópias, pelas ruas de Petrogrado. Também mostra como cinemas, cabarés e salões musicais disseminavam temas semelhantes para audiências ainda maiores entre 1916 e 1917 (FIGES; KOLONITSKII, 1999, p. 11-12). Fedorchenko fornece extensivo material, muito dele em versos, sobre a maligna sexualidade de Rasputin a partir do ponto de vista do simples soldado. Um aforismo da época sugeria que o czar e seu monge tinham se apaixonado pela mesma amante polonesa e, por conta disso, Nicolau mandara matar Rasputin. Uma balada chamada “*Grishka*” cantava que “Garotas e mulheres – havia multidões delas / Ele viveu, bebeu e fornicou feito um cão / Vivia e fodia, até o amargo fim” (FEDORCHENKO, 1990, p. 87-88).

²² Para uma caricatura do czar Rasputin cercado por anjas, ver Hirschfeld (1930, p. ix).

A imagem de depravação sexual, mostra Kolonitskii, a era um ácido que corroía a reivindicação dos Romanov do direito ao governo, dissolvendo o respeito popular pela autocracia, questionando a masculinidade do czar e relacionando a desordem sexual da dinastia com sua traição política. Até mesmo a esposa e as filhas do czar não escaparam; tendo sido promovidas à “irmãs de misericórdia”, sua imagem era atingida conforme a reputação das enfermeiras militares afundava (FIGES; KOLONITSKII, 1999, p. 13-24).

Não espanta que essa primeira etapa da guerra tenha desestabilizado os entendimentos sobre a sexualidade em tempos de paz e que tenha afrouxando as proibições anteriores acerca dos comportamentos sexuais casuais. Este processo se deu em toda a Europa (HERZOG, 2011, p. 45-64). Para os historiadores da Rússia, contudo, convém investigar as continuidades entre as transformações ocorridas durante guerra imperial e o que veio a seguir. Neste sentido, é importante parte da ideia que uma “revolução sexual” no comportamento e na moral começou antes da mobilização de massas de 1917, já no movimento dos soldados, refugiados e prisioneiros ao redor do Império, nas novas formas de sociabilidade que isso trouxe e nos desafios às formas tradicionais de se pensar sobre o sexo.

Esta “revolução sexual” também impacto em algo menos mensurável que foi a destituição de um poder patriarcal e seu efeito sobre a psiquê dos soldados solteiros que, segundo Astashov (2005, p. 372) – ao citar uma memorável carta de um recruta em fevereiro de 1916 – afirmava que “o sexo feminino inteiro deveria ser compartilhado entre os homens” se a guerra durasse ainda mais tempo; ou ainda, convém salientar, na dessacralização da autocracia, agora manchada por depravação sexual. Mesmo que a revolução política jamais tivesse chegado à Rússia, em 1917, a cultura sexual do país já seria bem diferente daquela que antes existia nas experiências de 1914 a 1916.

Um carnaval violento, 1917-1921

A revolução e a guerra civil na Rússia intensificaram a violência e esta deixou suas marcas na sexualidade. A virada popular nas formas de autoridade nesses anos levou as pessoas a falarem de forma mais franca sobre sexo,

abandonando as velhas restrições baseadas na moralidade ou religião. A jovem poeta lésbica Anna A. Barkova, vindo de uma família educada, mas pobre, de Ivanovo-Voznesensk, escreveu em tom de galhofa, no seu diário de 1917, sobre o culto das garotas do “primeiro amor”. “Ela está mentindo quando fala que sente uma doce melancolia em seu peito; na verdade, não está no seu peito, mas um pouco mais abaixo”. O longo prelúdio para o ato sexual era uma perda de tempo e seria tão melhor se alguém pudesse simplesmente perguntar: “Você está a fim?” e ir direto ao que interessa (BARKOVA, 2009, p. 412-423).

As elites e as classes médias russas, afetadas diretamente pela ruptura popular e o advento da guerra civil, também imaginavam o seu tormento pessoal e o nacional em termos de violação sexual. Em janeiro de 1918, Sayn-Wittgenstein (2007, p. 196) olhou para 1917 amargamente, associando o início de sua sensação de insegurança ao fim da autocracia. Em março do ano revolucionário, quando foi numa manifestação de rua com suas amigas, ela sentiu uma exaltação momentânea que:

“Era um sentimento de amor por essa multidão sem rosto, um desejo de misturar-me a ela e ser reconhecida como parte dela. Mas esse sentimento não durou muito; ele enfraqueceu quando eu percebi, mais de perto, os rostos embrutecidos e animalizados dos soldados e do povo que estava na multidão e desapareceu completamente diante dos olhares hostis que dirigiam a nós”.

Logo após este evento, em março de 1917, sua família fugiu da capital em direção a uma propriedade na Ucrânia, mas sem saber que estavam colocando-se em situação de maior perigo. Em uma das anotações de seu diário, Sayn-Wittgenstein escreveu sobre os pavores de sua família quando soldados e camponeses realizaram um cerco noturno à casa, representando-o como um assalto coletivo à castidade, o que parece indicar um medo implícito de violação sexual. “Eles vão penetrar em nosso lar... Se ao menos eles simplesmente atirassem em nós! De longe, de preferência sem nos tocar”. Uma morte rápida e impessoal vinda de uma bala misericordiosa era preferível a os indizíveis tormentos de estupro e morte por espancamento ou esfaqueamento (IBID., p. 148).²³

²³ Anotação de 15 de outubro de 1917.

Os medos da aristocracia e das classes médias eram projetados para o corpo nacional, representado como uma entidade feminina violada pelos revolucionários. Geralmente a violência retratada em charges e outras mídias, como no diário de Sayn-Wittgeinstein, sugeria estupro sem, contudo, nomear a violação sexual. Pregos e facas representavam o falo e muitas imagens produzidas pela imprensa dos territórios ocupados pelo Exército Branco mostravam a Rússia como uma jovem mulher, literalmente crucificada no Gólgota, ou apunhalada por bolcheviques fanáticos (EREMEEVA, 2004, p. 726-743).²⁴

Anna Eremeeva demonstrou que muitos roteiros de filmes e poemas produzidos durante a Guerra Civil - e por ambos os lados - se baseavam em triângulos amorosos centrados na figura de uma mulher desesperançada ou indecisa sobre se iria para “nosso lado” ou para o “deles”. Sua vacilação a levaria à degradação. Em um famoso verso da obra de Aleksandr Blok, *Os doze (Dvenadtsat)*, de 1918, a prostituta Katk’ka é atingida mortalmente na troca de tiros entre o soldado da Guarda Vermelha, Pet’ka, e seu inimigo, Van’ka (IBID., p. 736-738). Em março de 1918, em um número causticamente devotado a “nudez”, uma charge da *Novyi Satirikon* contrastava os gostos do período pré-revolucionário aos daqueles tempos contemporâneos: a nudez dos “bons e velhos dias” era de uma mulher burguesa, em seu *boudoir*, com um servente retirando seus luxuosos enfeites enquanto um pretendente a observava. Já a nudez dos “nossos dias” era uma mulher tendo suas roupas arrancadas nas ruas por três homens bestiais cujos rostos e posições indicavam que um estupro se seguiria ao roubo.

Em um dos livros de aforismos estilizados de Fedorchenko e dedicado a Guerra Civil no *front* sul, há uma descrição sobre a visão crua das conexões sexuais estabelecidas pelos soldados e seus significados (Fedorchenko, 1990, p. 152-386). É impossível medir quão longe essa manifestação de franqueza popular sobre a sexualidade é uma projeção literária de Fedorchenko para com os homens e a época em que viviam, assim como é difícil saber o quanto de sua escrita refletia a experiência vivida. Contudo, a visão desses homens

²⁴ Ver charge de Antolovskii (1918), na qual a Revolução Russa é representada por meio da representação de um bolchevique que enfia uma faca no estômago de uma mulher seminua.

representada por Fedorchenko estendem e intensificam o comportamento e a mentalidade sexual dos soldados descritas por Astashov no contexto anterior à 1917 a partir de documentos dos arquivos militares. O material de Fedorchenko sugere que os soldados na Guerra Civil viam o amor físico e o sexo com as mulheres a partir de certo cinismo sobre classe e trocas materiais, sentimento misógino que Astashov havia documentado na era da “guerra imperial”. “E daí que nós não somos legalmente casados? Eu ainda mostrei a ela minha ternura, mesmo que tenhamos ficado juntos somente por três dias”, afirmava um informante (IBID., p. 260). Outro explicava sua filosofia acerca do amor com uma série de pequenos casos curtos que tinham certo custo financeiro, mas nunca emocional.

Os soldados reconheciam que suas ações eram promíscuas e até mesmo fúteis: “Tantas donzelas que você quiser, algumas apaixonadamente, outras com doçura, mas nenhuma genuína” (IBID., p. 261). Os homens das classes populares se ressentiam de suas amantes vindas das classes médias ou das elites. Eles sub-repticiamente pisavam em seus pés delas durante as danças, expressando o ressentimento de que os oficiais sempre conseguiam as meninas mais bonitas. Outros, por sua vez, sentiam nojo ou até mesmo ódio diante da abordagem mercenária dessas mulheres para com o amor (como quando uma civil dependia de rações que os soldados, que passavam por sua aldeia, tinham bastante) (IBID., p. 222, 267-268). Apesar da aparente abundância de oportunidade sexual, o medo das doenças sexualmente transmissíveis também afastava as pessoas do sexo casual e um dos soldados relatou sua vergonha em ter que mostrar sua genitália infectada para uma enfermeira. A experiência da Guerra Civil fez da ideia de “ter uma mulher só” algo bastante amargo: “Eu não quero me casar. Lá na minha aldeia, eu tenho uma esposa, mas nem conto isso. A única coisa que importa é a minha emancipação [*voliu vol' nuiu*] (IBID., p. 263, 265). A memorialização de Fedorchenko sobre a Guerra Civil e sobre as atitudes cínicas e misóginas dos soldados representa uma continuidade de algo que já estava suficientemente estabelecido durante o conflito de 1914-1917.

É impossível quantificar a escala de violência sexual real, mobilizada como metáfora nos embates entre a imprensa “Vermelha” e “Branca” e na escrita

ficcional do período.²⁵ Não existem estatísticas satisfatórias para crimes sexuais e estupro durante o período da Guerra Civil e também não existem cifras básicas compreensíveis para criar uma média; ainda que as autoridades criticassem o estupro, elas frequentemente registravam seu caráter sistemático. As cortes e a polícia agiam de forma esporádica, especialmente diante das rápidas mudanças que ocorriam nas instituições. Assim, quando crimes eram registrados, o estupro geralmente não estava entre eles. Registrar a violência sexual e levar adiante um caso contra um estuprador, nas condições caóticas daquela época, exigia que uma mulher depositasse uma enorme confiança em oficiais que, no dia seguinte, poderiam não estar mais lá. Somente cinco prisões por estupro foram registradas nas recém-criadas agências do Comissariado do Povo para Assuntos Internos na cidade de Petrogrado no ano de 1918, sendo que as reclamações não resultaram em prisões. Os civis tinham receio de violência sexual, independente de qual exército controlasse a vizinhança. O estupro era, além disso, uma arma de guerra tradicional cujo propósito, quando infligido, era aterrorizar o 'inimigo' e, quando constituía uma ameaça para com 'as suas próprias mulheres', também um incentivo a mais para o sentimento de luta dos maridos, filhos e irmãos que estavam no campo de batalha (PETRONE, 2011, p. 154-164; SANBORN, 2003, p. 146-161).

A prostituição, segundo os registros da época, cresceu em cidades como Petrogrado, Moscou e outros centros durante os anos da Guerra Civil, encorajada pelo colapso da economia convencional e pelo fato de que, tanto o Exército Vermelho quanto o Exército Branco, controlavam recursos alimentares e as mercadorias existentes. Para as mulheres que não tinham emprego nas fábricas, ou uma sinecura num emprego estável nos escritórios, sobrava a lógica brutal da troca de sexo por pão e teto, ou mesmo nos casos de “inimigos de classe” que usavam do sexo para redimir um marido tomado como refém. Mulheres que jamais conheceram essas práticas antes tinham agora pouca margem de escolha.²⁶ O fato de que as maiores cidades tinham,

²⁵ Sobre o estupro como uma obsessão cultural (e, claro, como problema político) para os bolcheviques e viajantes no início da revolução, ver Naiman (1997, p. 57-78), Hafin (1997). Para a mesma questão pelo lado dos Brancos, ver Eremeeva (2004).

²⁶ Dois historiadores de São Petersburgo argumentam que estas trocas dificilmente poderiam ser chamadas por “prostituição” e a reduzida importância que o dinheiro tinha durante o comunismo de guerra confirma essa visão (LEBINA; SHKAROVSKII, 1994, p. 61-62).

comparativamente, os maiores números de soldados mobilizados e bem alimentados, acabava oferecendo oportunidades para as mulheres dispostas a oferecer serviços sexuais. As doenças sexualmente transmissíveis dispararam. Um oficial de Petrogrado estimou que o número de prostitutas na cidade em 1920 – ano em que a população da cidade decresceu demograficamente a uma fração do que fora no pré-guerra –, era de 17 mil pessoas. Um campo de trabalhos forçados estabelecido no final de 1919, na parte sul de Petrogrado, continha 6.500 mulheres, das quais 60% por suspeitas de prostituição (MUSAEV, 2001, p. 182-192).

Violência, fome, doenças, uma economia que encolhia e uma mudança política devastadora: nessas condições, os sonhos criados sobre a sexualidade pelos profetas do amor livre na Rússia do pré-guerra foram testados até o limite de sua destruição. Contemplando somente as consequências fisiológicas, o oficial e escritor V. P. Shkolovskii destacou os óbvios resultados das privações: “Os homens experimentaram uma impotência virtualmente total e as mulheres pararam de menstruar” (IBID., p. 182). Qualquer fosse a nova ordem nascente na Rússia, esta herdava uma população física e moralmente exausta.

Transposições de gênero e de sexualidade, 1914-1922

Uma das características mais salientes da “crise ampliada” da Rússia que os historiadores geralmente passaram despercebidos foi a persistência, tanto da representação como da realidade, das transposições de gêneros e suas inversões durante o período. Tais transgressões sobre as fronteiras usuais que caíam sobre os gêneros acabavam expondo fraturas na cultura sexual em meio à turbulência russa. Geralmente essas fraturas geravam determinados esforços para restaurar a ordem de gêneros existente. Representações chocantes da inversão de gêneros dramatizavam o temor que a “revolução” causava, ainda que eles pudessem, em última instância, servir para reforçar os papéis tradicionais de “masculinidade” ou “feminilidade”. O choque da inversão de gêneros geralmente aumentava, implícita ou explicitamente, as ansiedades heterossexuais que elas evocavam. Uma análise sobre tais transposições de gêneros pode também iluminar as formas pelas quais as sexualidades *queer* – que rapidamente adquiriram uma

visibilidade sem precedentes na cultura do pré-guerra – afirmava o seu espaço em meio à onda revolucionária que acompanhou tanto a guerra imperial quanto a Guerra Civil.

O exemplo mais conhecido dessas transposições de *cross-gender* no período é o caso das soldadas russas, que chamaram a atenção de historiadores ocidentais e russos em obra recente (STOCKDALE, 2004, p. 78-116; STOFF, 2006, 2000; SANBORN, 2003; ABRAHAM, 1992; SHCHERBININ, 2004, p. 424-444; IVANOVA, 2002, p. 89-120). Esses historiadores demonstraram como foi inédito o fato de mulheres que se inscreveram para juntar-se às forças imperiais e soviéticas (ainda que o número fosse modesto), assim como isso gerou um desconforto na posição tradicional acerca dos gêneros, que considerava que o serviço militar era uma exclusividade patriótica masculina. Ao final do regime do Governo Provisório, as 5 mil mulheres que serviram e atuaram em combates, haviam sido as primeiras do país, durante a era moderna, a receberem acesso sancionado pelo Estado a experiências de combate em termos análogos aos dos homens (STOCKDALE, 2004, p. 113).

Um dos motivos mais reconhecidos acerca do recrutamento feminino e da formação dos batalhões de mulheres era justamente para aumentar a vergonha sobre os homens que desertavam da guerra e para as unidades que voltavam para a casa, ou mesmo para inspirar os homens a se voluntariarem para o serviço militar. Nesse ponto, como revela a sofisticada análise de Joshua Sanborn, os batalhões oficiais de mulheres reforçavam as normas de gênero, desenvolvendo o argumento radical de que elas serviam “para fazer com que os homens agissem de acordo com a sua ética militar e masculina, mas não para criar um exército desprovido das amarras de gênero” (SANBORN, 2003, p. 151). Os homens que se recusavam a lutar, ou que fracassavam diante da “ética militar e masculina”, poderiam ser tratados, provocativamente, como pseudo-mulheres. Uma carta coletiva de um batalhão de mulheres para um soldado paternalista em 1917, ridicularizava justamente essas características: “Então, nos permita lhe dar um conselho: vista-se com nossos sarafans, amarre um lenço em sua cabeça, cozinhe um *borshch*, lave as roupas...e faça suas fofocas” (apud Stockdale, 2004, p. 104). As líderes dos batalhões de mulheres diziam que estavam agindo em prol de seu dever patriótico e rejeitavam a noção de que as mulheres combatentes constituíam algum tipo de provocação sexual; ainda

assim, a sua incursão naquele território tradicionalmente masculino (simbolizado de forma mais vívida pela ida da comandante Mariia Bochkareva a um bordel militar junto de seus camaradas homens), atingia diretamente um já desmoralizado e misógino exército camponês (SANBORN, 2003, p. 151; SHCHERBININ, 2004, p. 430-431; STOCKDALE, 2004, p. 102-104).

Os homens, pesarosamente, estavam cientes da nova assertividade das mulheres e de sua conseqüente tomada de cada vez mais amplos espaços tradicionais da masculinidade. A julgar pela quantidade de material sobre esse tema que Fedorchenko incluiu em sua coleção, ela claramente refletiu sobre como essa ansiedade estava amplamente disseminada entre os soldados e como isso afetava a identidade sexual deles. Eles diziam que as mulheres tinham abandonado as saias e agora andavam por aí, vestidas com calças e botas, com cigarros na boca e os cabelos à mostra. Outros lamentavam que as “garotas tinham cortado seus cachos / e fugido para fazer a Revolução” (FEDORCHENKO, 1990, p. 141 e 147).²⁷ Onde isso colocava os homens não fica muito claro, ainda que um chiste da época sugeria que se as mulheres mudassem, os homens seriam, então, forçados a mudar:

“Em breve vamos ter graça,

Mudança para todos os lados

Os caras vão engravidar

E os rapazes, noivas a corar” (IBID., p. 141).

Não apenas as prerrogativas dos homens estavam sendo atacadas por uma falange de amazonas masculinizadas, mas os próprios homens pareciam estar sujeitos a perder os últimos limites de sua própria virilidade: o papel sexual ativo que ultimamente os definia como “não-mulheres”.²⁸ Os bolcheviques permitiram que as mulheres continuassem servindo como combatentes, mas

²⁷ Sobre o fenômeno das tais mulheres “masculinizadas” durante e depois da revolução, ver Healey (2001a, p. 57-62, 143-144).

²⁸ Para outras representações do desconforto masculino para com a presunção feminina em papéis ativos durante o período revolucionário de 1917 em diante, ver Fedorchenko (1990, p. 141-147). Ver também um conto de Isaac Babel (1990, p. 245-253) sobre um homem aceitando pagamento em troca de sexo.

não permitiam que se formassem batalhões só de mulheres; depois de 1917, muitas soldadas transferiram-se para os papéis de enfermeiras, evidentemente restaurando a tradicional norma de gênero da fêmea protetora trabalhando em conjunto com o macho lutador (STOCKDALE, 2004, p. 113; SANBORN, 2003, p. 157-160).

Se as inversões de feminilidade, literais e figurativas, serviam a certos propósitos militares e momentaneamente apontavam para uma nova ordem de gênero, a inversão da dominação masculina normativa é um índice do quão desordenado o mundo tinha se tornado. As ansiedades sexuais que levaram a tais inversões davam ainda mais poder e elas: a perda de *status* dos homens os colocava na parte mais baixa da diáde heterossexual, mas podia levar também a humilhações homoeróticas. Os observadores burgueses imaginavam inversões da masculinidade marital que confirmavam, ao menos para alguns, a depravação do socialismo revolucionário. A história satírica de Arkadii Averchenko (1982, p. 219-226), “O marinheiro do Báltico”, representa os famosos marinheiros da frota do báltico:²⁹ o contramestre Nikita Shkliarenko e seu companheiro no cruzador Aurora, Egor’, eram grandes beberrões, homens rústicos e marinheiros decentes cuja revolução transformara completamente. Como muitos de seus camaradas, eles haviam voltado para terra firme e adentraram na nova e curiosa “aristocracia do comissariado” e da Cheka:

“Esses estranhos marinheiros estavam empoados e fortemente perfumados; em suas cruas mãos, alguém poderia notar o resultado de uma malsucedida, ainda que deliberada, sessão de manicure; em seus pés, eles calçavam sandálias com altos saltos e que praticamente tinham lacinhos; em seus peitos, eles colocavam uma rosa... Estava claro que eles não poderiam parar por aí: os jornais diziam que nos teatros da capital, a maioria das plateias eram compostas por marinheiros com decotes largos, delineadores nos olhos e batom nos lábios; braceletes em seus pulsos e broches de diamante em seus peitos.” (IBID., p. 220-221).

Na história, os dois marinheiros aparecem em um camarote no Teatro Aleksandrinskii observando a audiência com seus binóculos de ópera e

²⁹ Essa história foi escrita durante ou logo após 1918. Obrigado a Victor Oboin por ter chamado atenção sobre ela.

fofocando ruidosamente sobre as joias das pessoas e sobre o fato de que Egor' havia furtado o perfume de Nikita. Depois, ao se deparar com uma multidão de revolucionários na avenida Nevskii, reunidos em torno de um jovem à beira da morte, os marinheiros efeminados são forçados se confrontar com a estranha transformação pela qual haviam passado. Eles então doam suas bijuterias para ajudar o pobre rapaz. A noite de bebedeira e brigas acaba por dissipar os vestígios do estilo de vida bizarro e, em seguida, os dois retornam ao mar para servir em novos navios. Uma charge da época trata desse mesmo tema na revista *Novyi Satirikon*, de Averchenko. A imagem fantástica dos legendários marinheiros da Frota do Báltico transformados em “maduras damas da sociedade” – alvo frequente de zombaria no *Novyi Satirikon* antes da revolução – revela como a leitura de Averchenko sobre como esses marujos auxiliares da tomada de poder dos bolcheviques haviam conseguido transpassar as fronteiras de classe e, a partir daí, também as de gênero.

Enquanto representantes imediatos da “nova aristocracia”, os marinheiros Nikita e Egor' mimetizam o refinamento da antiga classe dominante. O lado *queer* de sua camaradagem não é explicitado no conto de Averchenko. Contudo, a paródia acerca da feminilidade que eles temporariamente assumem se propõe como um comentário não apenas a respeito a perversão da dominação de classe, mas também sobre o esquecimento da ordem sexual tradicional; a piada era que dois “invertidos”, efeminados e implicitamente passivos, dificilmente poderiam constituir um plausível par romântico.

Se Averchenko estava ciente, ou não, o lugar dos marinheiros na subcultura homossexual de Petrogrado estava firmemente assentado antes de 1914 e a contínua participação de marinheiros nas festas clandestinas organizadas por homossexuais na capital do Norte ganhou evidência quando a polícia fechou um desses encontros no dia 15 de janeiro de 1921 (BEKHTEREV, 1927, 1922; HEALEY, 2001b, p. 44-46). A batida policial prendeu um grande número de marinheiros e soldados que eram frequentadores costumeiros dessas festas; elas incluíam homens em vestidos de mulheres e celebrações de casamento de brincadeira, além de um sistema de “correio elegante” para ajudar no flerte desses homens. Tais comportamentos exóticos aparentemente não estavam restritos à capital. Em junho de 1921, em Kamenets-Podol'skii, a Cheka prendeu em flagrante uma *drag queen* usando o nome de guerra de “Karolina

Ivanova”, que supostamente havia denunciado cinco homens das forças de Petliuria para a polícia secreta bolchevique. A Guarda Vermelha mandou “Karolina” para tratamento psiquiátrico quando passaram a suspeitar que ela tinha tido relações sexuais com os petliuristas. Ela usou o gênero feminino em seu discurso (“*ia poshla, sdelala*”; “eu fui, eu fiz”), confiando nos seus amantes para sustenta-la, usando roupas femininas frequentemente e era notória em Kamenets-Podol’skii (VYSOTSKII, 1921, p. 9-11)³⁰. Poucos revolucionários, talvez nenhum, esperaria que amantes do mesmo sexo iriam dar vazão aos seus desejos de forma tão fragorosa quanto “Karolina Ivanova”, mas em meio a um mundo virado de ponta cabeça, alguns desejos do cenário *queer* russo tinham como expectativa que as sexualidades reprimidas de outrora pudessem agora ter a chance de falar com maior liberdade.³¹

Mobilizando o sexo, 1914-1917

O Estado czarista, sempre desconfiado acerca da construção da cidadania e preocupado em proteger suas prerrogativas autocráticas, mobilizou a sexualidade enquanto força bélica para uma guerra total, ainda que de forma muito casual e implícita. Uma das medidas mais diretas adotadas pelo Estado antes mesmo da guerra começar, em 1912, foi o pagamento de assistência social para as famílias dos soldados (*paek*); esses pagamentos eram entregues aos conscritos tão logo começasse a guerra, embora a inflação reduzisse seu valor (GATRELL, 2005, p. 64). Essas transferências do Estado para as mãos das mulheres dos soldados (na maioria dos casos) era um complexo e contestado símbolo do apoio do czar não apenas para súditos individuais, mas de certa forma, para as famílias heterossexuais que ficavam desamparadas. Segundo Joshua Sanborn (2003, p. 100), o *paek* garantia que os “valores familiares eram incrustados no relacionamento entre os cidadãos, o Exército e o Estado”. O

³⁰ Sobre o uso do feminino nas formas gramaticais russas por homens homossexuais e flagrantemente femininos, ver Healey (2012).

³¹ Para uma formulação contemporânea da época sobre a emancipação homossexual de Evgeniia Fedorovna, ver Healey (2001a, p. 68-72). Também vale destacar a aparição do inglês Edward Carpenter (1916), com o texto *The Intermediate Sex* [O sexo intermediado], uma defesa do amor homossexual cuja tradução russa conseguiu driblar a censura militar.

paek tornou-se um instrumento do Exército czarista nas suas fúteis iniciativas de controlar o comportamento dos militares. As autoridades revogavam o pagamento às famílias de desertores e as esposas de soldados capturados, feridos, ou mortos tinham dificuldade em reaver o que lhes era de direito (SANBORN, 2003 p. 108; MEYER, 1991, p. 211). Pouco se sabe sobre o impacto desses pagamentos para as mulheres das classes populares, mas elas devem ter contribuído para a tão propalada confiança que as mulheres adquiriram conforme adentravam na esfera pública (SCHCHERBININ, 2005, p. 222-269). O fim do *paek* rompeu com o triângulo contratualmente implícito entre Estado, soldado e família. O colapso desses pagamentos no revolucionário ano de 1917 e sua reinstalação pelos bolcheviques em 1918-1919, teve um impacto direto na motivação dos soldados e, portanto, no destino das guerras, demonstrando o quão profundos eram os apelos do Estado à lealdade dos soldados com base nos laços familiares heterossexuais (SANBORN, 2003, p. 109).

A propaganda czarista em tempo de guerra era comparativamente fraca e refletia a confiança do Estado numa tão esperada lealdade a um czar patriarcal, assim como a relutância a apelar para ideais de cidadania nacional. A propaganda era gerida pelo exército, governo e organizações para-oficiais, destacando principalmente o Comitê Skobelev; o tema da ameaça alemã à honra das mulheres russas era recorrente em alguns desses materiais. Os cartões postais destacavam menos os temas militaristas e concentravam-se na díade do soldado-enfermeira ou do soldado-esposa; essas iniciativas que visavam criar um consolo emocional heterossexual parecem irônicas quando se leva em consideração como os soldados-camponeses viam tanto as enfermeiras quanto as suas próprias mulheres, cheios de suspeitas, segundo Astashov³² (GATRELL, 2005, p. 88-89). A propaganda focada na guerra tinha de competir com a grande quantidade de ficção popular, não-ficção e cinema que competiam pela atenção da audiência. Em alguns registros, a sexualidade aparecia frequentemente no âmbito desses mercados. Richard Stites (1999, p. 16) questiona se o gosto popular pelo “melodrama sexual” dos filmes de Evgenii Bauer e Iakov Protazanov, no início da guerra, marcados pela vitimização de mulheres pobres

³² Sobre os valores patriarcais nesse tipo de material, ver Petrone (1998) e Astashov (2005, p. 375-377).

por homens ricos, não ajudou a gerar um ressentimento de classe.³³ Ainda que isto seja improvável, ao menos parece indiscutível que a imagem dos costumes do burguês decadente alimentou o “moinho bolchevique” quando, mais tarde, o regime soviético criou sua própria imagem da emancipação socialista.³⁴

Revoluções do desejo, 1917-1922

O Governo Provisório teve pouco tempo para demonstrar como a sexualidade poderia ser revolucionada sob um regime liberal-democrático russo. É óbvio que não fora criada nenhuma legislação reformando o casamento e o divórcio, para não falar de outros aspectos mais controversos da sexualidade, enquanto o regime esperava pela Assembleia Constituinte pronunciar o futuro da República Russa.³⁵ Entretanto, durante os breves meses em que havia sido declarado o sufrágio feminino e instituídos os batalhões militares de mulheres, uma virada radical nas noções de igualdade de gênero e cidadania se deu, sob o comando dos bolcheviques a partir de fins de 1917, esse radicalismo se acelerou. A sexualidade não era, por si só, uma prioridade de primeira linha para o partido de Lenin, mas os registros de atividades nesse sentido, em meio a Guerra Civil, mostra como a vida íntima era importante para esse estranho novo regime – o primeiro, no mundo todo, a tomar o Estado com o renomado propósito de torna-lo “socialista”.

A violência da Guerra Civil foi vital para as formas as quais os comunistas moldaram a sexualidade da época. Peter Holquist observa que “enquanto sonhos de uma utopia fantástica fundiam-se à experiências de devastação e brutalidade, aqueles que faziam uso da violência investiam nela um caráter redenção ou purificação” (HOLQUIST, 2002, p. 287). No que dizia respeito à sexualidade, o radicalismo comunista prometia uma confrontação definitiva com as velhas normas e valores. Todavia, a força da violência também

³³ O repertório dos teatros é discutido em Frame (2012).

³⁴ Sobre a emancipação sexual soviética, ver Bernstein (2007).

³⁵ Uma comissão para examinar a implementação de uma reforma no código penal chegou a ser criada nos últimos quatro meses do Governo Provisório. Ver Nabokov (1970, p. 95-96).

transformara todos os planos herdados de mais de um século de pensamento socialista.

Os efeitos da Guerra Civil podem ser vistos já no primeiro Código do Casamento, da Família e da Tutela, adotado em outubro de 1918 (GOLDMAN, 2014, p. 69-78; WATERS, 1997). Esse conjunto de leis deu vida a dois decretos de dezembro de 1917, nos quais o regime soviético secularizava o casamento (o que fazia com que somente casamentos civis fossem reconhecidos) e legalizava o divórcio a pedido de qualquer uma das partes. Esses primeiros decretos contribuíram para uma crescente inimizade entre o regime socialista e a Igreja Ortodoxa Russa, uma hostilidade que se intensificou em 1918, quando a Igreja execrou o governo de Lenin ao mesmo tempo em que aumentava a violência anticlerical do Exército Vermelho. Muitos legisladores soviéticos e comentadores, considerando o Código Marital de 1918, admiraram seu radicalismo, mas queriam que ele fosse ainda mais longe: eles se perguntaram porque, afinal, o Estado deveria sancionar o casamento.

O registro formal de qualquer tipo de laço marital parecia a eles algo contrário a “consciência socialista” e mero “dejeito burguês” (GOLDMAN, 2014, p. 76; WATERS, 1997, p. 362-365)³⁶. A dona de casa burguesa, dependente de um marido para sua subsistência, era uma “desertora do trabalho”, não muito melhor do que uma prostituta, ao menos na visão de Alexandra Kollontai (1921, p. 10-11). Nas conferências de mulheres ativistas e socialistas, em 1918 e 1919, esse mesmo argumento contrário ao domínio dos maridos e do capital nos casamentos encontrava reverberação (WATERS, 1997, p. 365-368). Contudo, como argumenta Goldman, numa sociedade em que a estrutura doméstica camponesa permanecia sendo o nexo produtivo – e não apenas um lugar de consumo (que, segundo os marxistas, era o que ocorria com a família nas grandes cidades) – a desconstrução das relações familiares e sexuais tinha um limite bem estabelecido.

A lealdade do campesinato durante a Guerra Civil pode não ter comungado desses princípios, mas não havia muito a ganhar ao se antagonizar gratuitamente com esse aliado em potencial ao mesmo tempo em que se

³⁶ Goldman cita N. A. Roslavets, ucraniana e delegada independente no Comitê Executivo Central dos Sovietes de 1918, responsável pelo código.

procurava reduzir seus laços para com a religião. Se o código legal se recusava a aceitar a propriedade comunal na aliança marital, ele ainda assim reconhecia os direitos de pensão e pensão alimentícia para os filhos como adjuntos necessários para libertar as provisões do divórcio durante o “período de transição” do capitalismo para o socialismo. Nas deliberações bolcheviques sobre o código, o seu potencial como uma “poderosa arma na luta contra o clero” foi considerado conclusivo (apud GOLDMAN, 2014, p. 70-73). Enquanto estivesse em guerra contra a Igreja Ortodoxa, os comunistas tinham de oferecer para a população o casamento civil como alternativa para as cerimônias e rituais religiosos que ainda mantinham adesão popular. O principal autor do Código Marital de 1918, Aleksandr Goikhbarg, observou com pesar que “Nós devemos aceitar esse código sabendo que ele não é uma medida socialista”; guerra, pobreza e o subdesenvolvimento impuseram limites às ambições socialistas (IBID., p. 78).

Se as novas provisões maritais soviéticas pareciam desapontar alguns radicais, maior paradoxo foi gerado em torno da legalização do aborto em novembro de 1920, num decreto conjunto elaborado pelos comissariados de Justiça e Saúde. Em retrospecto, nenhuma outra medida deu tanta notoriedade da “revolução sexual” soviética em toda a Europa, independentemente de suas convicções políticas (HERZOG, 2011, p. 49; GOLDMAN, 2014, p. 303-306; SOLOMON, 1992, p. 59-82). A forma resoluta com que os bolcheviques legalizaram o aborto e o tornaram avaliável e relativamente liberado chocou moralistas religiosos em toda a Europa e acabou fazendo com que políticos conservadores e fascistas atacassem o “ateísmo bolchevique” e seus representantes locais, inspirando gerações de radicais e feministas ao longo do século XX. Ainda assim, a ideia de que os comunistas de Lênin acreditavam que era um direito da mulher ser responsável por sua própria fertilidade não era exatamente verdadeira. A lei era fruto de um contexto de guerra civil e desesperada privação. Os médicos especialistas no comissariado de Saúde perceberam que, diante das condições catastróficas da guerra, as mulheres continuavam interrompendo as gravidezes não desejadas, apesar de qualquer proibição que houvesse. Elas bebiam água sanitária e outros irritantes, ou, voltando-se para as mulheres mais sábias do campo, usavam meios mecânicos

mais brutais para conseguir a interrupção da gestação (Goldman, 2014, p. 303-307).

Nas condições desesperadoras da guerra, os doutores e juristas soviéticos argumentavam que o aborto legal médico, conduzido por doutores em clínicas, era mais seguro para a capacidade reprodutiva feminina do que a contínua criminalização do problema. Estava disseminado entre os socialistas soviéticos a ideia de que evitar as gestações era algo antissocial; mesmo Kollontai, a líder bolchevique cuja escrita celebrava a capacidade feminina de dominar seu próprio destino erótico, foi capaz de declarar que “a natalidade é uma obrigação social” (IBID., p. 306).³⁷ Leninistas e especialistas médicos concebiam a capacidade reprodutiva como um recurso coletivo, ao invés de atributo individual no qual o indivíduo exerceria controle supremo. A maternidade era social, e não pessoal: havia pouco espaço na imaginação vigente da “revolução sexual” para a noção de fins do século XX sobre “o direito de escolha da mulher”. Era axiomático da compreensão soviética sobre a lei do aborto que em 1924, o acesso das mulheres ao aborto gratuito seria controlado por uma *troika* de guardiões: um médico, um assistente social e uma mulher comunista. Ao tornar o aborto avaliável, a lei se referia explicitamente à interrupção da gravidez enquanto “esse mal” e justificava a legalização ao apontar persistentes atrasos na sociedade e as terríveis e persistentes condições socioeconômicas.³⁸

Que algumas mulheres pudessem usar a legislação revolucionária para controlarem seu próprio destino sexual tão livremente quanto os homens, era uma possibilidade. As implicações e contradições totais das políticas soviéticas sobre as mulheres, família e sexualidade não eram instantaneamente aparentes na era da Guerra Civil. O Partido Comunista não chegou ao poder com uma “linha” única e monolítica sobre sexualidade. Ao invés disso, houve um intenso debate acerca da “revolução sexual” e dos seus sentidos na literatura, na cultura, na política e, é claro, nas relações entre os sexos; em uma entrevista de 1920 com a comunista alemã, Clara Zetkin, até mesmo Lenin tinha de lutar para fazer

³⁷ Ver posição de Kollontai (2015, 1977) sobre o direito de autodeterminação erótica da mulher.

³⁸ Sobre a capacidade reprodutiva como recurso coletivo no socialismo soviético, ver Healey (2009, p. 164-165). Sobre a *troika*, ver Goldman (2014, p. 310-314). Ver também Hyer (2007).

com que suas concepções sobre o tema fossem escutadas.³⁹ Para os bolcheviques que tentavam definir uma linha específica sobre política sexual, a medicalização oferecia respostas que pareciam conectá-las com a noção de “socialismo científico”, sendo que frequentemente o regime voltava-se para médicos e higienistas para resolver a “questão sexual”. O Comissariado do Povo da Saúde Pública e Justiça dependia de ginecologistas forenses, psiquiatras e outros especialistas para definir as desordens e estabelecer as normas sexuais, no que as pressuposições sobre gênero, o corpo social e hierarquias nacionais adaptadas da biomedicina europeia permearam a sua própria ciência (HEALEY, 2009, p. 17-36).⁴⁰

O regime, de fato, adotou algumas transformadoras medidas que eram genuinamente radicais, inspiradas talvez pelo enfrentamento contra as hierarquias durante a “crise continuada”. Numa suposta tentativa de acomodar as diversas realidades fisiológicas e sociais de uma comunidade política multiétnica, o regime aboliu a idade mínima de consentimento na legislação criminal sobre relações sexuais e adotou um marcador biossocial vago de “maturidade sexual” como condição para a cidadania sexual (ID., 2010). O resultado desse experimento foi trágico para as vítimas e confuso para homens e mulheres soviéticos (ID., 2009, p. 37-82). Por sua vez, a descriminalização da homossexualidade masculina, em 1922, que foi alvo de discussão no Comissariado de Justiça desde 1918, foi um movimento genuinamente revolucionário: ela tornou a Rússia Soviética o primeiro grande país europeu, desde a recém unificada Itália em 1870 e, antes disso, a França revolucionária de 1791, a legalizar o sexo entre homens (ID., 2001, p. 115-125).⁴¹ O relaxamento dessa proibição foi interpretado como racional, socialista e emancipadora.⁴² Ela aparentemente tornou mais fácil para os médicos soviéticos na década de 1920

³⁹ Para esse debate, ver Naiman (1997) e Carleton (2005). Para a posição de Lenin, ver Zetkin (1934).

⁴⁰ A convergência de interesses entre bolcheviques e especialistas “modernizadores” é explorada em Beer (2008).

⁴¹ A Alemanha, o Reino Unido e os Estados decorrentes da dissolução do Império Habsburgo continuaram a criminalizar a homossexualidade até meados da década de 1960.

⁴² Para um texto sobre a carta de um comunista inglês, de 1934, endereçada a Stálin explicando os princípios socialistas da descriminalização da homossexualidade masculina em 1922, ver Young (2012, p. 88-89).

mudar suas abordagens para com os pacientes intersexuais (hermafroditas), retirando a ignorância obscurantista em prol de um tratamento clínico referenciado científica e mundialmente (HEALEY, 2009, p. 134-158).

Outro passo revolucionário estava no esclarecimento sexual, no que as mensagens diretas e sem rodeios sobre higiene sexual chocavam os visitantes europeus e, talvez, tenham gerado muitas consequências não desejadas para o comportamento popular (BERNSTEIN, 2007). Os bolcheviques também foram capazes de emitir respostas confusas e contraditórias a alguns problemas, como parece ser o caso da prostituição heterossexual. O regime considerou a mulher prostituta como uma vítima da exploração capitalista (sentimentos que foram incorporados na Comissão Interdepartamental da Luta contra a Prostituição, estabelecida em 1919 e presidida pelo Comissariado de Saúde), enquanto, ao mesmo tempo, prendiam e confinavam diversas mulheres urbanas que ofereciam seu corpo nas ruas, enquadrando-as como “desertoras do trabalho” durante a época da Guerra Civil (WATERS, 1997, p. 366-367).⁴³

Conclusão

A ideia anterior à guerra de que a sexualidade poderia garantir “a chave para a felicidade”, capaz de abrir as portas para a redenção da sociedade, foi colocada à prova durante a longa crise russa. Hesitantemente no começo, o sexo era investido de cada vez mais importância conforme a nação lutava uma guerra total que consumia rapidamente todos seus recursos internos. Em um carnaval de violência, a sexualidade tornou-se cada vez mais sombria conforme a degradação e a violação tornaram-se onipresentes. Quando os bolcheviques finalmente conseguiram reconstituir o Estado, eles consideraram a forma como a sexualidade poderia reorganizar o corpo social e começaram erigindo um ordenamento jurídico que não apenas refletia as expectativas socialistas, mas

⁴³ Ver também Waters (2008 [1992]) e Leбина e Shkarovskii (1994, p. 60-85). A “prostituição” era um conceito exclusivamente heterossexual para os primeiros bolcheviques; eles só se voltaram para a prostituição masculina em 1933-1934, diante da criminalização da homossexualidade masculina. Ver Healey (2001b).

também as necessidades biopolíticas de uma sociedade que empobrecida e exaurida.

Ao longo da “crise continuada”, uma revolução nas culturas e comportamentos sexuais antecedeu os acontecimentos de 1917. Para a elite e a população urbana que vivia o cotidiano de guerra fora do *front*, as coisas eram mais lentas, mas nas trincheiras e no vasto exército de camponeses e suas famílias aldeãs, a mobilização iniciada em 1914 despertara novas formas de viver e morrer que compelia os soldados a “reavaliar”, para dizer o mínimo, suas ideias sobre sexo, mulheres e família. Livres da vigilância rural dos patriarcas, vivendo num mundo de quartéis homosociais, não é surpreendente que os jovens soldados camponeses falassem sobre sexo, experimentassem relações sexuais casuais e questionassem a autoridade em termos sexuais – fosse ela dos patriarcas das aldeias rurais, das “irmãs de misericórdia”, ou mesmo a própria dinastia Romanov.

Educados na ideologia misógina das aldeias, para os soldados camponeses a linguagem do campo de manobras e dos quartéis apenas codificava toda a desconfiança em relação às mulheres. A misoginia velada era, então, “vista de baixo” e refletida nas cartas, canções ou versos dos soldados. O tédio, o cinismo e a violência cotidiana acabavam por corroer ainda mais as restrições habituais e o mergulho na revolução e guerra civil parece ter tornado a violência sexual uma ameaça onipresente, no que antes ela estava confinada somente ao *front* e distritos a ele próximos. Para as mulheres das classes médias e da elite, a ameaça de violação sexual se aproximava e se tornava cada vez mais real, levando as classes privilegiadas à situação de perigo antes experimentada pelas mulheres e garotas camponesas que viviam nas imediações das linhas de frente. Os velhos padrões de decoro desapareceriam rapidamente em 1917, consequência do colapso do Estado czarista e dos contratos sociais que o mantinham (como, por exemplo, o *paek* para os soldados). O amor não era mais uma “melancolia doce no peito”, mas um ativo fisiológico “mais abaixo”, e a nudez não mais a excitação dos cavalheiros, mas a real condição de nudez oriunda da pobreza e da vitimização.

Ao mesmo tempo, havia elementos de esperança na cultura e no comportamento sexual trazidos pela revolução, ainda que algumas dessas esperanças fossem profundamente contraditórias em cada uma das partes da

divisão de gênero. Os jovens soldados camponeses retornavam para suas casas, mas não mais para a unidade doméstica patriarcal, não mais desejando manterem a postura de filhos subservientes. A desintegração do Exército Imperial em 1917 é geralmente atribuída ao movimento de desapropriação de terras rurais nos vilarejos; contudo, a terra não deixava de ser um veículo de expectativas mais amplas, alimentadas o desejo de formar novas unidades domésticas e familiares. Apesar disso, muitos jovens camponeses, operários, operárias, maridos e esposas, tendo experimentado diferentes graus de independência financeira e pessoal, não estavam mais dispostos a entrar ou voltar às posições de subordinação tradicionais da díade marital. Antes mesmo de 1917, portanto, o palco já estava pronto para as transformações na vida sexual e marital, circunstância normalmente obscurecida pelo enfoque histórico da política bolchevique como sinônimo da “revolução sexual” na Rússia.

Na guerra entre Vermelhos e Brancos, a sexualidade sem dúvida foi um símbolo direto do quão distintas eram as duas ideologias que lutavam pelo poder na Rússia. A Guerra Civil, aliás, desencadeou batalhas culturais a respeito da sexualidade, religião e nação que ainda hoje geram divisões e conflitos entre os russos. Para os Brancos, a Rússia era uma figura feminina crucificada ou violentada e seus valores eram aqueles da Ortodoxia Cristã. A iconografia religiosa, em muitas das peças de propaganda do Exército Branco, evocava a sexualidade feminina (a partir de crucificação, sacrifício, exaustão, pânico e da imagem da virgem com seu filho) vinculando sexo, nação e religião em uma construção rígida. A inversão de gênero do corpo feminino pregado à cruz, substituindo o corpo de Cristo, podia ser instantaneamente lida como proclamação de uma Rússia em perigo (EREMEEVA, 2004, p. 728-733).⁴⁴

Os Vermelhos, por sua vez, também se valiam da representação da sexualidade como forma de confrontar a ortodoxia religiosa sustentada em uníssono pelos Brancos depois da execução dos Romanov. Ao retirar a autoridade da Igreja (e, eventualmente, de todas as confissões religiosas) sobre a sexualidade, os bolcheviques trouxeram à tona aquilo que esperavam ser uma “crítica estritamente científica e sem remorsos” sobre o tema (KOLLONTAI, 1921

⁴⁴ Para a charge da imprensa “Branca” retratando uma mulher crucificada simbolizando a Rússia, ver Eremeeva (2004, p. 730).

p. 21).⁴⁵ Em sua iniciativa para secularizar e medicalizar a sexualidade, estes sonhavam com um amor livre das noções de propriedade e moralidade religiosa. Se a iconografia dos Brancos atrelava a sexualidade das mulheres a uma ordem “natural”, cumprida pela religião e pela nação, a retórica dos Vermelhos conceituava essa mesma ordem como fraude perpetrada pela religião patriarcal que colaborava diretamente com o capital e criava o “egoísmo familiar, o individualismo e o isolamento” (IBID., p. 22).

Contudo, conforme os próprios bolcheviques demonstrariam, esta ideologia de combate era simplista demais quando se colocava diante de questões sexuais e, ao conferir a elas menos importância, acabavam por permitir as legisladores ligados à medicina e ao direito a livre intervenção nestes temas candentes. Ironicamente, alguns dos marcos da primeira “revolução sexual” soviética foram respostas às condições socioeconômicas desesperadoras, enquanto outras foram fruto da elaboração de especialistas liberais que, no termo de Daniel Beer, “carregavam consigo os planos para a mudança” (BEER, 2007).

A “revolução sexual” vivida na Rússia soviética, como dito, teve sua origem antes mesmo do poder dos soviets, em meio às transformações da Primeira Guerra Mundial no país. Quem quer que tivesse vencido em 1917, portanto, teria que governar em meio a uma ordem de gênero e de sexo completamente interrompida e tensionada. Depois de chegar poder e determinados a secularizar o sexo, os bolcheviques criaram um arcabouço legislativo que refletia visões sobre o casamento e a família contrastantes com a tradição e a Igreja Ortodoxa. Contudo, ao atribuir parte importante das tarefas de definição e regulação da “revolução sexual” para “especialistas” formados em disciplinas “científicas” mergulhadas em preconceitos de gênero, acabariam justamente por enfraquecer as visões socialistas e radicais que alimentavam a Revolução Russa como promotora desta revolução da sexualidade.

⁴⁵ Levaria ainda muito tempo para os bolcheviques desafiam o controle da *Sharia* em sociedades islâmicas sob controle soviético, ver Northrop (2003).

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, R. M. L. Bochkareva and the Russian Amazons of 1917. In: EDMONDSON, L. (org.). *Women and Society in Russia and the Soviet Union*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ANTOLOVSKII, B. Ispolnenie slova. *Novyi Satirikon*, n. 2, 1918. p. 12.
- ASTASHOV, A. B. Seksual'nyi opyt russkogo soldata na Pervoi mirovoi i ego posledstviia dlia voiny i mira. *Voенno-istoricheskaia antropologia*. *Ezhegodnik*, p. 374–75, 2005-2006.
- AVERCHENKO, A. Baltiiskii matros. In: AVERCHENKO, A. *Salat iz bulavok: Rasskazy i fel'etony*. Nova York: Russica Publishers, 1982.
- BABEL, I. Moi pervyi gonorar. In: BABEL, I. *Sochineniia v 2-kh tomakh*. Moscou: Khudozhestvennaia literatura: 1990. v.2
- BARKOVA, A. *Vosem'glav bezumiia: Proza, dnevniki*. Moscou: Fond Sergeia Dubova, 2009.
- BEER, D. *Renovating Russia: The Human Sciences and the Fate of Liberal Modernity, 1880–1930*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.
- _____. Blueprints for Change: The Human Sciences and the Coercive Transformation of Deviants in Russia, 1890-1930. *Osiris*. v. 22, p. 26-47, 2007.
- BEKHTEREV, V. M. O polovom izvrashchenii, kak osoboi ustanovke polovykh refleksov. In: SIMONOV, I. S. *Polovoi vopros v shkole i v zhizni*. Leningrado: Brokgauz-Efron, 1927.
- _____. Polovye ukloeniia i izvrashcheniia v svete refleksologii. *Voprosy izucheniia i vospitaniia lichnosti*, n. 4-5, p. 644-746, 1922.
- BERNSTEIN, F. L. *The Dictatorship of Sex: Lifestyle Advice for the Soviet Masses*. DeKalb: Northern Illinois University Press, 2007.
- BERNSTEIN, L. *Sonia's Daughters: Prostitutes and Their Regulation in Imperial Russia*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CARLETON, G. *Sexual Revolution in Bolshevik Russia*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2005.
- CARPENTER, E. *Promezhutochnyi pol*. Petrograd: M. V. Pirozhkov, 1916.
- EDMONDSON, L. H. *Feminism in Russia, 1900-1917*. Stanford: Stanford University Press, 1984.
- ENGELSTEIN, L. *The Keys to Happiness: Sex and the Search for Modernity in Fin-de-Siècle Russia*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

- EREMEEVA, A. Woman and Violence in Artistic Discourse of the Russian Revolution and Civil War (1917–1922). *Gender and History*, v. 16, n. 3, 2004.
- ETKIND, A. *Eros nevozmozhnogo: Istoriia psikhoanaliza v Rossii*. St. Petersburg: Meduza, 1993.
- FEDORCHENKO, S. *Narod na voine*. Moscow: Sovetskii pisatel, 1990.
- FIGES, O.; KOLONITSKII, B. *Interpreting the Russian Revolution: The Language and Symbols of 1917*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- FITZPATRICK, S. The Civil War as a Formative Experience. In: GLEASON, A.; KENEZ, P.; STITES, R. (orgs.). *Bolshevik Culture: Experiment and Order in the Russian Revolution*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- FRAME, M. Cultural Mobilization: Russian Theatre and the First World War, 1914–1917. *Slavonic & East European Review*, v. 90, n. 2, p. 288-322, 2012.
- FRAME, M.; KOLONITSKII, B.; MARKS, S. G.; STOCKDALE, M. K. (orgs.). *Russian Culture in War and Revolution, 1914-1922: Political Culture, Identities, Mentalities*. Bloomington: Slavica Publishers, 2014. v. 2
- GATRELL, P. *Russia's First World War: A Social and Economic History*. Harlow: Pearson Education, 2005.
- GOLDMAN, W. Z. *Mulher, Estado e Revolução*. Política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936. Boitempo: São Paulo, 2014.
- GRIGOR'EV, B. Eia dokhody. *Novyi Satirikon*, n. 11, 1916.
- HALFIN, I. The Rape of the Intelligentsia: A Proletarian Foundational Myth. *Russian Review*, v. 56, n. 1, p. 90-109, 1997.
- HEALEY, D. *Bolshevik Sexual Forensics: Diagnosing Disorder in the Clinic and Courtroom*. Chicago: Northern Illinois University Press, 2009.
- _____. Comrades, Queers, and 'Oddballs': Sodomy, Masculinity, and Gendered Violence in Leningrad Province of the 1950s. *Journal of the History of Sexuality*, v. 21, n. 3, p. 496-522, 2012.
- _____. *Homosexual Desire in Revolutionary Russia: The Regulation of Sexual and Gender Dissent*. Chicago: University of Chicago Press, 2001a.
- _____. Masculine Purity and 'Gentlemen's Mischief': Sexual Exchange, Barter and Prostitution between Russian Men. *Slavic Review*. v. 60, n. 2, p. 233–265, 2001b.
- _____. Defining Sexual Maturity as the Soviet Alternative to an Age of Consent. In: BERNSTEIN, F. L.; BURTON, C.; Healey, D. *Soviet Medicine: Culture, Practice, and Science*. DeKalb: Northern Illinois University Press, 2010.

- HERZOG, D. *Sexuality in Europe: A Twentieth-Century History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- HIRSCHFELD, M. *Sittengeschichte des Weltkrieges*. Leipzig: Schneider & Co., 1930.
- HOLQUIST, P. *Making War, Forging Revolution: Russia's Continuum of Crisis, 1914-1921*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- Hyer, J. *Fertility Control in Soviet Russia: A Case Study in Gender Control and Professionalization*. Ph.D. diss. University of Toronto, 2007.
- IVANOVA, I. N. *Khrabreishie iz prekrasnykh: Zhenshchiny Rossii v voynakh*. Moscou: Rosspen, 2002.
- KOLONITSKII, B. *Interpreting the Russian Revolution: The Language and Symbols of 1917*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- _____. Slukhi ob imperatritse Aleksandre Fedorovne i massovaia kul'tura (1914–1917). *Vestnik istorii, literatury, iskusstva. Otd-nie ist.-filol. nauk RAN*, n. 1. p. 362-378, 2005.
- _____. *Tragicheskaia erotika: Obrazy imperatorskoi sem'i v gody Pervoi mirovoi voiny*. Moscow: Novoe literaturnoe obozrenie, 2010.
- KOLLONTAI, A. M. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- _____. *Selected Writings of Alexandra Kollontai*. Londres: Allison & Busby, 1977.
- _____. *Prostitutsiia i mery bor'by s nei*. (Rech' na III Vserossiskom soveshchanii zaveduiushchikh gubzhenotdelami). Moscou: Gosudarstvennoe izdatel'stvo, 1921.
- LEBINA, N. B.; E SHKAROVSKII, M. B. *Prostitutsiia v Peterburge*. Moscou: Progress-Akademiia, 1994.
- LEVITT, M.; TOPORKOV, A. (org.) *Eros i pornografiia v russkoi kul'ture/Eros and Pornography in Russian Culture*. Moscow: Ladomir, 1999.
- LOCKHART, R. H. B. *Memoirs of a British Agent*. Londres: Putnam, 1932.
- MALMSTAD, J. E. Bathhouses, Hustlers, and a Sex Club: The Reception of Mikhail Kuzmin's Wings. *Journal of the History of Sexuality*, v 9, n. 1-2, p. 85-104, 2000.
- MALMSTAD, J. E.; BOGOMOLOV, N. *Mikhail Kuzmin: A Life in Art*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- MATICH, O. *Erotic Utopia: The Decadent Imagination in Russia's Fin-de-Siècle*. Madison: University of Wisconsin Press, 2005.

- MEYER, A. G. The impact of World War I on Russian Women's Lives. In: CLEMENTS, B. E.; ENGEL, B. A.; WOROBEK, C. D. (org.) *Russia's Women: Accommodation, Resistance, Transformation*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- MISS. Zhutkoe predpolozhenie. *Novyi Satirikon*, n. 50, p. 5, 1916.
- MORLEY, R. Gender Relations in the Films of Evgenii Bauer. *Slavonic & East European Review*, v. 81, n. 1, p. 32-69, 2003.
- MUSAEV, V. I. Prestupnost' v Petrograde v 1917-1921 gg. i bor'ba s nei. St. Petersburg: Dmitrii Bulanin, 2001.
- NABOKOV, V. D. *The Provisional Government*. Brisbane: University of Queensland Press, 1970.
- _____. *Speak, Memory: An Autobiography Revisited*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1967.
- NAIMAN, E. *Sex in Public: The Incarnation of Early Soviet Ideology*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1997.
- NORTHROP, D. *Veiled Empire: Gender & Power in Stalinist Central Asia*. Ithaca: Cornell University Press, 2003.
- PETRONE, K. Family, Masculinity, and Heroism in Russian War Posters of the First World War. In: MELMAN, B. (org.). *Borderlines: Genders and Identities in War and Peace 1870-1930*. New York: Routledge, 1998.
- _____. *The Great War in Russian Memory*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.
- RADAKOV, A. Surrogat. *Novyi Satirikon*, n. 45, 1916.
- RE-MI. Devushka 1916 goda. *Novyi Satirikon*, n. 38, p. 12, 1916a.
- _____. Uzhasnyi sluchai. *Novyi Satirikon*, n. 6, p. 9, 1916b.
- _____. Vesennie bolezni. *Novyi Satirikon*, n. 22, p. 10, 1916c.
- _____. Rossiiskii tsarstvovavshii dom. *Novyi Satirikon*, n. 13, p. 1, 1917.
- ROZANOV, V. V. *Voina 1914 i russkoe vrozozhdenie*. Petrograd: Novoe vremia, 1915
- _____. *Poslednie list'ia*. *Poslednie list'ia 1916 god. Poslednie list'ia 1917 god. Voina 1914 goda i russkoe vrozozhdenie*. Moscow: Respublika, 2000.
- SANBORN, J. A. *Drafting the Russian Nation: Military Conscription, Total War, and Mass Politics, 1905-1925*. DeKalb: Northern Illinois University Press, 2003.

- SAYN-WITTGENSTEIN, C. *La fin de ma Russie: Journal 1914–1919*. Paris: Phebus-libretto, 2007.
- SENAVSKAIA, E. S. O. S. Porshneva. Mentalitet i sotsial'noe povedenie rabochikh, krest'ian i soldat v period Pervoi mirovoi voiny (1914–mart 1918 g.). Ekaterinburg: Uro Ran, 2000. *Otechestvennaia istoriia*, n. 1, 2001.
- SHCHERBININ, P. P. *Voennyi faktor v povsednevnoi zhizni russkoi zhenshchiny v XVIII–nachale XX v.: Monografiia*. Tambov: Iulis, 2004.
- SOLOMON, S. G. The Demographic Argument in Soviet Debates over the Legalization of Abortion in the 1920's. *Cahiers du Monde russe et soviétique*, v. 33, n. 1, p. 59-82, 1992.
- STITES, R. Days and Nights in Wartime Russia: Cultural Life, 1914–1917. In: Roshwald, A.; Stites, R. (orgs.). *European Culture in the Great War: The Arts, Entertainment, and Propaganda, 1914–1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- STOCKDALE, M. K. “My Death for the Motherland Is Happiness’: Women, Patriotism, and Soldiering in Russia’s Great War, 1914–1917”. *American Historical Review*. 109, 1, 2004. p. 78–116.
- STOFF, L. *They Fought for the Motherland: Russia’s Women Soldiers in World War I*. Lawrence: University Press of Kansas, 2006.
- _____. They Fought for Russia: Female Soldiers of the First World War. In: Degroot, G. J.; Peniston-Bird, C. M. (orgs.). *A Soldier and a Woman: Sexual Integration in the Military*. Harlow: Pearson Education, 2000.
- STOLER, A. L. *Race and the Education of Desire: Foucault’s History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press, 1995.
- VYSOTSKII, S. P. Sluchai prevratnogo polovogo chuvstva. (Bol’noi demonstrirovan v Obshchestve kurskikh vrachei 2-go iunია 1921 goda). *Vestnik Kurskogo gubernskogo otdela zdravookhraneniia*, n. 1, 1921.
- WATERS, E. W. Family, Marriage, and Relations between the Sexes. In: ACTON, E.; CHERNAIEV, V. I.; ROSENBERG, W. G. (orgs.) *Critical Companion to the Russian Revolution 1914–1921*. Londres: Arnold, 1997.
- _____. Victim or Villain: Prostitution in Post-Revolutionary Russia. In: Edmondson, L. *Women and Society in Russia and the Soviet Union*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1992].
- WOROBEC, C. D. Masculinity in Late-Imperial Russian Peasant Society. In: Clements, B. E.; Friedman, R.; Healey, D. (orgs.) *Russian Masculinity in History and Culture*. Houndmills: Palgrave, 2002.

YOUNG, G. *The Communist Experience in the Twentieth Century: A Global History through Sources*. Nova York: Oxford University Press, 2012.

ZETKIN, C. *Lenin on the Woman Question*. Nova York: International Publishers, 1934.